

Infância e Juventude Rural em Canoinhas: Um Olhar Sobre a Realidade, Desafios e Potencial de Desenvolvimento

Isabel Cristina Massaneiro ¹
Juraci Gritens ²
Gabriela Furlan ³

RESUMO

Este trabalho, fruto da participação das autoras no Programa PIBID Educação do Campo e da experiência no estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Educação do Campo, tem como objetivo analisar criticamente a experiência de crianças e jovens do campo no território de Canoinhas, Santa Catarina, Brasil. As autoras, também residentes nesse território, desenvolveram um olhar sensível para a realidade desses sujeitos e buscam compreender como eles se relacionam com o ambiente natural ao chegarem à escola do campo. A pesquisa explora a relação com elementos como paisagens, águas, lavouras e alimentos, sob a perspectiva das Ciências da Natureza na sala de aula. O estudo também aborda a questão da migração de jovens para a cidade, impulsionada pela busca por melhores oportunidades financeiras, e as diferenças de gênero nesse processo, com os meninos tendendo a permanecer no campo e as meninas buscando futuro em áreas como educação e empreendedorismo na cidade. Apesar dos desafios, como o acesso limitado à educação, o campo apresenta um grande potencial de desenvolvimento, especialmente através da educação. A partir do estágio supervisionado e do PIBID, as autoras desenvolvem um trabalho de compreensão dessa realidade para propor ações efetivas para crianças e jovens do campo de Canoinhas, visando contribuir para a construção de um futuro promissor, valorizando sua relação com o ambiente natural e oferecendo oportunidades de desenvolvimento. Acreditam que a educação, em diálogo com o campo, pode ser um motor de transformação social e garantir um futuro digno para as novas gerações.

Palavras-chave: Infância no campo, Juventude rural, Campo, Agricultura familiar

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, isabel152508@gmail.com

² Graduando do Curso de Educação do Campo Licenciatura da Universidade Federal - SC, UFSC gritensjuraci@gmail.com;

³ Dra. Gabriela Furlan Carcaioli Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, gabriela.carcaioli@ufsc.com.br ;



A realidade da infância e juventude rural apresenta desafios estruturais que impactam diretamente a trajetória educacional e profissional desses sujeitos. A precariedade no acesso à educação de qualidade, a falta de infraestrutura e a migração compulsória para os centros urbanos configuram alguns dos principais problemas enfrentados pelas populações camponesas. Nesse sentido, compreender as relações que crianças e jovens estabelecem com o campo, sua cultura e as oportunidades de desenvolvimento nesse espaço torna-se essencial para a formulação de políticas públicas eficazes.

Diante desse contexto, este estudo tem como justificativa a necessidade de compreender e problematizar os fatores que levam à evasão escolar e ao êxodo rural dos jovens de Canoinhas, Santa Catarina. A partir disso, busca-se contribuir com reflexões e propostas que incentivem a permanência da juventude no campo, promovendo alternativas viáveis para seu desenvolvimento socioeconômico e educacional.

O objetivo deste trabalho é analisar criticamente a realidade de crianças e jovens do campo no território de Canoinhas, Santa Catarina, investigando como esses sujeitos interagem com a paisagem, os recursos naturais e as condições de vida rural ao longo de sua formação escolar. Além disso, pretende-se examinar a influência do trabalho agrícola no desempenho acadêmico, as dificuldades enfrentadas no acesso à escola e a migração juvenil para os centros urbanos em busca de melhores condições financeiras e sociais.

A pesquisa foi conduzida em escolas do campo, incluindo a EEB Almirante Barroso e a EEB Estanislau Schumann, por meio de entrevistas individuais e coletivas com alunos e professores. Os dados levantados abarcam a rotina dos jovens no meio rural, os desafios enfrentados, os meios de transporte utilizados para o deslocamento até a escola e as condições desse deslocamento. Investigamos, ainda, a relação entre o trabalho na agricultura e os estudos, identificando a interferência do trabalho no desempenho escolar e as perspectivas desses jovens para o futuro.

Além disso, o estudo examina a migração juvenil para os centros urbanos, motivada pela busca por melhores oportunidades financeiras e de vida. Uma das questões observadas foi a diferença de gênero nesse processo: enquanto os meninos tendem a permanecer no campo, vinculados à agricultura, as meninas buscam alternativas na cidade, especialmente em áreas como educação e empreendedorismo. Conforme Pizzinato et al. (2016), essa tendência reflete as dinâmicas sociais e culturais que associam a permanência no campo a papéis masculinos



ligados ao trabalho braçal e à saída para a cidade como um caminho de autonomia e independência para as mulheres jovens.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa fundamenta-se na concepção de Educação do Campo, proposta por Caldart (2004), que defende uma educação enraizada na realidade rural e comprometida com a valorização da identidade e cultura camponesa. De acordo com Molina e Freitas (2011), essa forma de educação busca romper com o paradigma tradicional que vê a escola como um meio de preparar os jovens para abandonarem o campo. Eles enfatizam que a Educação do Campo deve fomentar a permanência dos jovens no meio rural, valorizando suas culturas e práticas sociais, o que é fundamental para garantir a continuidade das propriedades familiares e a resistência cultural dos povos do campo. Ao incluir questões como a sucessão familiar na agricultura e o desenvolvimento sustentável, a Educação do Campo se apresenta como uma alternativa viável e necessária para que as novas gerações visualizem um futuro promissor em suas comunidades, contribuindo para um desenvolvimento que respeite e valorize suas raízes e tradições (Pizzinato et al., 2016).

Molina e Freitas (2011) argumentam que a Educação do Campo deve ser entendida como um movimento social que busca reconhecer e valorizar a realidade dos sujeitos que vivem no meio rural. Eles destacam que essa abordagem educativa não apenas deve promover a permanência dos jovens no campo, mas também deve estar profundamente conectada às suas vivências, à cultura local e às práticas agropecuárias. Para esses autores, é essencial que a educação ofereça uma formação integral que respeite e potencialize as identidades camponesas, criando oportunidades que permitam aos jovens vislumbrar um futuro viável em suas comunidades. Dessa forma, a Educação do Campo torna-se um instrumento de resistência e transformação social, permitindo que os jovens possam atuar como agentes de mudança e desenvolvimento em suas localidades, ao invés de verem a migração para os centros urbanos como a única alternativa para o crescimento pessoal e profissional.

Além disso, a discussão sobre sucessão familiar na agricultura e sustentabilidade é essencial. Estudos indicam que a ausência de políticas voltadas para jovens rurais compromete a continuidade das propriedades familiares (Schneider et al., 2020). No entanto, iniciativas



como as Casas Familiares Rurais e Escolas Famílias Agrícolas, que adotam a Pedagogia da Alternância, têm demonstrado bons resultados na capacitação dos jovens e no incentivo à permanência no campo (Gonchoroski, 2022).

Para finalizar, programas como o Pronaf Jovem e o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural (lançado em 2024) são estratégias importantes para fortalecer a sucessão e garantir que os jovens tenham condições dignas para viver e trabalhar no campo.

MOTIVAÇÃO PARA A PESQUISA

A motivação para realizar esta pesquisa surgiu a partir da observação das dificuldades enfrentadas pelos jovens do campo para chegar à escola. Todos os dias, vejo adolescentes acordando de madrugada para percorrer longas distâncias, muitas vezes enfrentando estradas de terra em más condições e tempos de deslocamento que ultrapassam de uma até duas horas. Essa realidade despertou meu interesse em compreender melhor como esses jovens vivem, quais são suas aspirações e desafios, e quais fatores influenciam sua decisão de permanecer no campo ou buscar oportunidades na cidade.

Nosso primeiro Trabalho de Tempo Comunidade (TC) teve como foco a Infância e a Juventude no Campo. No primeiro semestre, trabalhamos com o tema da infância na disciplina da professora Patrícia, e, ao longo do processo, sentimos a necessidade de explorar mais profundamente a realidade dos jovens rurais. Nosso objetivo foi estudar e compreender a vivência desses jovens, buscando identificar suas dificuldades, perspectivas de futuro e os impactos das condições do campo em sua educação e permanência nesse espaço.

PLANEJAMENTO E METODOLOGIA

Para estruturar a pesquisa, realizamos reuniões onde elaboramos nosso plano de ação e desenvolvemos um questionário voltado para compreender o dia a dia desses alunos. Optamos por uma abordagem qualitativa, realizando entrevistas individuais e em grupo, além de conversar com gestores escolares para obter uma visão mais ampla da realidade educacional no campo.



As entrevistas foram conduzidas nas escolas EEB Almirante Barroso e EEB Estanislau Schumann, com a participação de alunos do ensino médio. Coletamos dados sobre a rotina desses jovens, os meios de transporte utilizados, as dificuldades no deslocamento, a relação entre o trabalho na agricultura e os estudos, e as perspectivas de futuro no campo. Também investigamos se há incentivo para que esses jovens permaneçam no meio rural e quais fatores influenciam sua decisão de sair para a cidade.

O QUE ENCONTRAMOS NAS PESQUISAS DE CAMPO

Já tínhamos conhecimento do fenômeno do êxodo rural, tema amplamente discutido em sala de aula. No entanto, as entrevistas coletivas reforçaram essa tendência: a maioria dos jovens entrevistados expressou o desejo de sair do campo e morar na cidade, buscando melhores condições de vida. O cotidiano exaustivo de acordar cedo e auxiliar nas atividades agrícolas contribui para a idealização da vida urbana, muitas vezes vista como sinônimo de liberdade e melhores oportunidades.

Visitamos três instituições de ensino e conversamos com aproximadamente 80 alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio. A grande maioria relatou a intenção de concluir o ensino regular e se mudar para a cidade em busca de trabalho. Alguns jovens, inclusive, não demonstraram interesse em terminar os estudos, priorizando a busca por uma renda imediata.

Entretanto, uma pequena parcela – cerca de 10 alunos – expressou interesse em permanecer no campo e cursar uma graduação. Entre os fatores que influenciam essa decisão está a bolsa estudantil, que exige frequência escolar e boas notas, incentivando-os a dedicar-se mais aos estudos.

RELATOS DE JOVENS ENTREVISTADOS

Na escola EEB Almirante Barroso, entrevistamos três alunos acompanhados pela orientadora escolar. Como a gravação não foi permitida, anotamos as respostas manualmente.

- Vitória, 18 anos, reside na localidade de Arroios. Sua família é de agricultores e seu pai cultiva soja, milho e trigo. Ela pretende cursar veterinária ou agronomia, sair do campo para estudar e depois retornar.
- Lucas Alves de Barros, 19 anos, também de Arroios, vem de uma família de agricultores. Ele acorda às 6h15, pega uma van até o ponto de ônibus e chega à escola



às 7h30. Seu sonho é ser agrônomo, e ele considera que a maior desvantagem de morar no campo é a carga horária excessiva de trabalho.

- Luiz Fernando Bobko, 17 anos, é da localidade de Laranjeiras. Trabalha na roça e seus pais cultivam milho, soja, feijão e trigo. Para ele, a falta de internet de qualidade é um dos principais desafios de viver no campo. Ele deseja cursar agronomia e pretende continuar no campo, estudando em um modelo que permita ir e voltar. Além disso, Luiz faz cursos de inglês e informática e auxilia a família com a emissão de notas fiscais eletrônicas. Seu deslocamento diário inclui uma caminhada de 2 km até o ponto de ônibus.

Na escola EEB Estanislau Schumann, entrevistamos alunos do 1º e 3º ano do ensino médio. Entre os relatos, uma jovem nos chamou a atenção: sua aparência sugeria uma idade mais avançada, e suas mãos e pele apresentavam sinais de desgaste. Ela explicou que trabalha com o cultivo do fumo, atividade que pode render até R\$200,00 por dia durante a safra, tornando-se uma opção econômica viável para muitas famílias rurais. No entanto, poucos jovens têm consciência dos impactos dos agrotóxicos na saúde ou das dificuldades futuras dessa atividade.

REFLEXÕES SOBRE A PERSPECTIVA DOS JOVENS DO CAMPO

Um padrão preocupante foi identificado: muitos jovens não possuem perspectivas de futuro no campo. A maioria dos entrevistados considera o meio rural um espaço de atraso e deseja migrar para a cidade, acreditando que terão uma qualidade de vida melhor. No entanto, percebemos que essa visão muitas vezes é idealizada. Com o tempo, alguns jovens se deparam com as dificuldades do contexto urbano, como os altos custos de vida (aluguel, alimentação, transporte) e a dificuldade de conciliar estudo e trabalho. Muitos acabam abandonando os estudos e ingressando diretamente no mercado de trabalho em condições precárias. Alguns, frustrados com a experiência urbana, optam por retornar ao campo.

Outro ponto relevante foi a ausência de políticas públicas voltadas para a juventude rural. Nenhum dos jovens ou gestores escolares entrevistados soube mencionar ações ou programas institucionais que incentivem a permanência dos jovens no campo. A Epagri, por exemplo, deveria oferecer cursos e incentivos, mas os estudantes desconhecem tais iniciativas.

Quanto ao lazer, as opções são limitadas. Fora o acesso à internet (quando disponível), a principal atividade de entretenimento mencionada foi o futebol aos finais de semana.



QUE APRENDIZADOS TIRAMOS DO TEMPO COMUNIDADE

Com base nos relatos, percebe-se a necessidade de fortalecer políticas de incentivo à permanência dos jovens no campo, bem como uma maior aproximação entre escola e comunidade rural. Esta pesquisa nos permitiu perceber que ainda ouvimos uma amostra pequena de jovens e professores, mas algumas tendências ficaram evidentes. Identificamos dois caminhos principais para os jovens do campo: ficar ou partir. A maior inclinação parece ser sair do campo, motivada pela busca por melhores condições de trabalho e remuneração. De acordo com Pizzinato et al. (2016), essa migração muitas vezes resulta em frustrações, pois os jovens se deparam com uma realidade urbana distante das expectativas idealizadas, sendo forçados a empregos precarizados e a dificuldades de adaptação ao novo contexto.

O trabalho agrícola foi descrito como pesado e exaustivo, com longas jornadas diárias. A busca por um salário é um fator determinante, mas muitos jovens não têm plena consciência das dificuldades da vida urbana. O custo de vida elevado na cidade pode anular os benefícios da migração, tornando a adaptação desafiadora.

Outra preocupação é a ausência de iniciativas eficazes por parte de instituições públicas, como a Epagri e a Secretaria de Agricultura, que poderiam atuar na criação de incentivos e capacitações para os jovens do campo. Se existem ações nesse sentido, elas não estão sendo divulgadas ou não estão alcançando os jovens. Conforme destaca Pizzinato et al. (2016), a construção de projetos de vida no meio rural deve considerar as especificidades desse contexto, rompendo com a visão tradicional de que o desenvolvimento só ocorre na cidade.

A realização deste Trabalho de Campo reforçou a importância da educação contextualizada para os jovens rurais. Profissionais da educação devem estar preparados para compreender a realidade dos alunos e desenvolver práticas pedagógicas que valorizem o campo, incentivando sua permanência e demonstrando que é possível ter uma vida digna e sustentável no meio rural.

Essa é uma das principais propostas da Educação do Campo, que busca formar profissionais engajados na valorização das comunidades rurais e na criação de alternativas viáveis para que os jovens vejam futuro e dignidade no campo.

Acreditamos que a educação, quando integrada à realidade do campo, pode ser um motor de transformação social. É fundamental que as instituições de ensino e os gestores públicos



promovam ações efetivas para garantir um futuro digno aos jovens rurais, oferecendo-lhes condições para permanecerem no campo com qualidade de vida e perspectivas de crescimento. Dessa forma, será possível reverter a lógica do êxodo rural e construir um novo paradigma para a juventude do campo, baseado na valorização do território e na construção de um futuro sustentável.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M.; CORTINA, N. Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios. UNESCO, 1998.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, v. 1, pág. 205-227, 2004.

CALDART, RS Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, RS Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: *Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas*. Articulação Nacional "Por uma Educação do Campo", 2004. (Conteúdo da Declaração do Seminário Nacional Por Uma Educação do Campo, Brasília, nov. 2002).

COSTA, MRC O futuro profissional entre o rural e o urbano. 2011. Tese (Doutorado em Agricultura Familiar) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

DA, L.; GONCHOROSKI, S. A pedagogia da alternância e a sucessão na agricultura familiar. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte, Departamento Interdisciplinar, Curso de Licenciatura em Geografia - EAD, Tramandaí, 2022. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/259474/001172013.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DOTTO, F. Fatores que influenciam a permanência dos jovens na agricultura familiar, no estado de Mato Grosso do Sul. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2011.

GERVÁCIO, W.; BATISTA, E.; CAVALCANTE, LS O êxodo da juventude camponesa: campo ou cidade? *Cadernos de Agroecologia*, 2014.

GONCHOROSKI, L. Pedagogia da alternância e da sucessão na agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2022.



MIECOANSKI, FR; MORAES, ML A permanência do jovem no campo: uma análise para a mesorregião sudoeste do Paraná. *Revista de Extensão da UNIVASF* , v. 2, pág. 154-176, 2019.

MOLINA, MC; FREITAS, HC Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. *Em Aberto* , v. 85, pág. 165-177, 2011.

PIZZINATO, A. et al. Juventude rural, gênero e mobilidade: desafios para a permanência no campo. Florianópolis: UDESC, 2016.

POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO. Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. [sl: sn, sd]. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/educacao-do-campo-identidade-e-politicas-publicas.pdf> .

SCHNEIDER, S. et al. Sucessão familiar e agricultura familiar no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural* , v. 2, 2020.

SILVA, CBC; SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. Florianópolis, 2010.

TEIXEIRA DA SILVA, P.; FEITOSA, D. Juventude rural e os povos do campo no contexto da educação escolar. [sl: sn, sd]. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminarios-de-2013/4-educacao-do-campo-escola-curriculo-projeto-pedagogico-e-eja/d22-juventude-rural-e-os-povos-do-campo-no.pdf> . Acesso em: 10 mar. 2025.

VERETA, CL; MACHADO POLON, SA Educação do Campo: alguns apontamentos sobre a prática pedagógica e formação continuada no município de Rebouças-PR. *Periferia* , v. 13, n. 2, pág. 224–249, 2021. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/72aa/1bfa12979e8b8004d83f10e4a1f844cf771c.pdf> . Acesso em: 08 mar. 2025.

